

## **Região da Grande São Pedro Vitória – ES: resiliência ambiental**

*Região da Grande São Pedro Vitória – ES: environmental resilience*

*Região da Grande São Pedro Vitória – ES: resiliencia ambiental*

**Luciana Nemer**

Professora Doutora, UFF, Brasil  
luciananemerdiniz@gmail.com

## RESUMO

O trabalho apresenta a história da Região da Grande São Pedro em Vitória, Estado do Espírito Santo, relatando sua história a partir da comunidade pesqueira, as invasões ocorrida nos anos 70/80 e as estratégias do poder público para sua conservação ambiental. O texto, também, aborda conceitos relacionados à resiliência ambiental. Na metodologia se destacam as consultas em fontes secundárias (livros, capítulos de livros e teses e dissertações), também foram examinados documentos municipais e federais, além das pesquisas iconográficas e cartográficas realizadas nos arquivos: Municipal de Vitória e Público do Estado do Espírito Santo, e idas a campo. Entre as fontes primárias foram consideradas reportagens de jornal e, principalmente, o filme “O lugar de toda a pobreza”, o documentário que registrou o período das invasões, fase mais dramática e insustentável do local. Os resultados descrevem a evolução da região, suas funções, intervenções e participação na vida da cidade. As conclusões destacam o quanto as áreas mais pobres dos municípios e seus elementos ambientais se tornam desafios para conservação, seja para o governo municipal, estadual e para a população residente que, somente a partir de ações de educação valorizam e preservam o patrimônio paisagístico natural, levando a resiliência ambiental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conservação ambiental. Região da Grande São Pedro. Resiliência Ambiental.

## SUMMARY

*The work presents the history of the Região da Grande São Pedro in Vitória, State of Espírito Santo, relating its history from the fishing community, the invasions that occurred in the 70s/80s and the public authorities' strategies for its environmental conservation. The text also addresses concepts related to environmental resilience. The methodology highlights consultations in secondary sources (books, book chapters and theses and dissertations), municipal and federal documents were also examined, in addition to iconographic and cartographic research carried out in the archives: Municipal de Vitória and Público do Estado do Espírito Santo, and trips to the field. Among the primary sources were considered newspaper reports and, mainly, the film “O Lugar de toda pobreza”, the documentary that recorded the period of the invasions, the most dramatic and unsustainable phase of the place. The results describe the evolution of the region, its functions, interventions and participation in the life of the city. The conclusions highlight how the poorest areas of the municipalities and their environmental elements become challenges for conservation, whether for the municipal and state governments and for the resident population who, only through education actions, value and preserve the natural landscape heritage, leading to environmental resilience.*

**KEYWORDS:** Environmental Conservation. Região da Grande São Pedro. Environmental Resilience.

## RESUMEN

*El trabajo presenta la historia de la Região da Grande São Pedro en Vitória, Estado de Espírito Santo, relatando su historia desde la comunidad pesquera, las invasiones ocurridas en los años 70/80 y las estrategias de los poderes públicos para su conservación ambiental. El texto también aborda conceptos relacionados con la resiliencia ambiental. La metodología destaca consultas en fuentes secundarias (libros, capítulos de libros y tesis y disertaciones), también se examinaron documentos municipales y federales, además de investigaciones iconográficas y cartográficas realizadas en los archivos: Municipal de Vitória e Público do Estado do Espírito Santo, y salidas de campo. Entre las fuentes primarias se consideraron informes periodísticos y, principalmente, la película “O lugar de toda pobreza”, el documental que registró el período de las invasiones, la fase más dramática e insostenible del lugar. Los resultados describen la evolución de la región, sus funciones, intervenciones y participación en la vida de la ciudad. Las conclusiones destacan cómo las zonas más pobres de los municipios y sus elementos ambientales se convierten en desafíos para la conservación, ya sea para los gobiernos municipales y estatales como para la población residente que, sólo a través de acciones de educación, valora y preserva el patrimonio paisajístico natural, conduciendo a la resiliencia ambiental.*

**PALABRAS CLAVE:** Conservación del medio ambiente. Região da Grande São Pedro. Resiliencia ambiental.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se iniciou no ano de 2023 como desdobramento do trabalho sobre bairros populares no município de Vitória – ES, iniciado em 2014, em especial nas regiões abrangidas pelo projeto “Terra Mais Igual”. A capital capixaba teve seu desenvolvimento realizado a partir do Centro, com direcionamento horizontal em função da limitação entre o mar e o Grande Maciço, no entanto, a busca pela moradia ocasionou a ocupação irregular da face norte da ilha: área limitada entre o referido maciço e o mangue - a Região da Grande São Pedro.

Atualmente, os bairros desta região estão urbanizados, contando também com comércio e serviços, igrejas, quadras poliesportivas e restaurantes tradicionais de culinária capixaba, tendo sua história reconhecida pela população do município. Quando acessados pela Região Administrativa (RA) de Maruípe se apresentam na seguinte ordem: Resistência, Nova Palestina, Conquista, Redenção, Ilha das Caieiras, Santo André, Santos Reis, São Pedro, São José e Comdusa. O acesso também pode se dar pela RA de Santo Antônio. Na figura 1 é a área ao norte na região insular da capital,

Figura 1 – Mapa dos Bairros de Vitória



Fonte: EncontraES, 2024. Disponível em: <https://www.encontraespiritosanto.com.br/mapas/mapa-bairros-de-vitoria.htm>

A Região de São Pedro está cercada pela paisagem natural da Baía de Vitória, pela região de manguezal (que também contorna a Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e o bairro de Goiabeiras) e o Parque da Fonte Grande, nome dado ao grande maciço central.

A Baía de Vitória envolve a geografia da ilha que toma a forma de um triângulo de lados curvilíneos. A base da figura geométrica se orienta na direção Leste-Oeste, sobre a embocadura do Rio Santa Maria (nome atribuído ao trecho da baía à noroeste da ilha - figura 4).

O manguezal abriga o ecossistema litorâneo que se formou na área da baía e suas

reentrâncias onde há uma transição entre a terra firme e o mar. Típico das nas áreas de clima tropical e subtropical do planeta, o manguezal é um bioma costeiro de transição, que se localiza entre o ambiente terrestre e o ambiente marinho. Conforme Peiró *et al.* (2020), os manguezais sofrem influência tanto do mar quanto de rios. Por estarem situados em estuários e outras regiões costeiras planas estão sujeitos a grande variação de parâmetros ambientais durante o regime de marés.

O parque da Fonte Grande está localizado no "coração" do Maciço Central da cidade. Conforme a Prefeitura Municipal de Vitória (PMV, 2024), é um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica protegida por lei em área urbana do país e ocupa uma área de 218,00 hectares, com cobertura vegetal predominante de floresta secundária de Mata Atlântica. A Fonte Grande é uma área altamente acidentada, com vales e pontões e declividades acentuadas.

Ademais à especificidade topográfica, a área apresenta características geográficas com “representantes da floresta original como árvores centenárias, vegetação rupestre, encontrada nos afloramentos rochosos, e uma fauna variada, composta de répteis, anfíbios, invertebrados, pequenos mamíferos e aves.” (PMV, 2024).

Para além da beleza paisagística, a Grande São Pedro atende a população residente com: escolas, unidades de saúde e áreas de lazer. Duas escolas possuem ensino fundamental: EMEF José Lemos de Miranda e EEEFM Elza Lemos Andreatta, sendo que a segunda também ensino médio. O local também abriga a Escola Viva São Pedro – Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral São Pedro. Com relação à saúde, os moradores contam com o Pronto Atendimento São Pedro e o Centro de Atenção Psicossocial São Pedro (CAPS SP III), onde profissionais oferecem diversos serviços para a criança, a mulher, a família, as doenças epidemiológicas, as zoonoses, além de tratamentos preventivos. As áreas de lazer são a orla (onde a prefeitura está realizando obras de urbanização), a Praça Dom João Batista e o Mirante da Comdusa. O mirante herda o nome do bairro que também faz parte da RA São Pedro.

Figura 2 - Bairros da Grande São Pedro vistos do Mirante da Comdusa – manguezal e Rio Santa Maria.



Fonte: da autora, 2024.

Nesta pesquisa o método utilizado é, segundo Gil (1994), fenomenológico por ser esta qualitativa e descritiva da realidade social construída como ela é entendida. A natureza da pesquisa é básica tendo o objetivo de gerar novos conhecimentos para o avanço da ciência e, para tal, abordou os dados indutivamente, identificando os fatores que determinam os fenômenos e explicando-os. Quanto aos procedimentos técnicos foram feitas consultas em fontes secundárias (livros, capítulos de livros e teses e dissertações), também foram examinados documentos municipais e federais, além das pesquisas iconográficas e cartográficas realizadas nos arquivos: Municipal de Vitória e Público do Estado do Espírito Santo, e idas a campo. Entre as fontes primárias foram consideradas reportagens de jornal e, principalmente, o filme “O lugar de toda a pobreza”, o documentário que registrou o período das invasões, fase mais dramática e insustentável do local. A paisagem através da história e a dinâmica da preservação ambiental através da resiliência urbana são apresentadas a seguir.

## 2 HISTÓRIA DA GRANDE SÃO PEDRO

A cidade de Vitória foi fundada em 1551 (DERENZI, 1995, p. 31) na maior ilha do arquipélago, a Ilha de Santo Antônio. A escolha do local se fez a partir das possibilidades de instalação de fortificações, em vista da defesa contra ataques inimigos. Ainda segundo Derenzi (1995, p. 13) Vitória é um porto natural acessível a navios de grande calado, cuja importância está ligada ao escoamento da produção.

Figura 3 – Ilha de Vitória



Fonte: Google-Earth, 2024.

Conforme Klug (2009, p. 17) a vila antiga ficava na entrada da baía em uma área plana, sendo mais vulnerável a ataques por embarcações piratas e índios, ao passo que, na Ilha de Santo Antônio, o terreno com muitos cortes e afloramentos rochosos podia funcionar como pontos estratégicos de defesa. A transferência da cabeça da capitania para Ilha de Santo

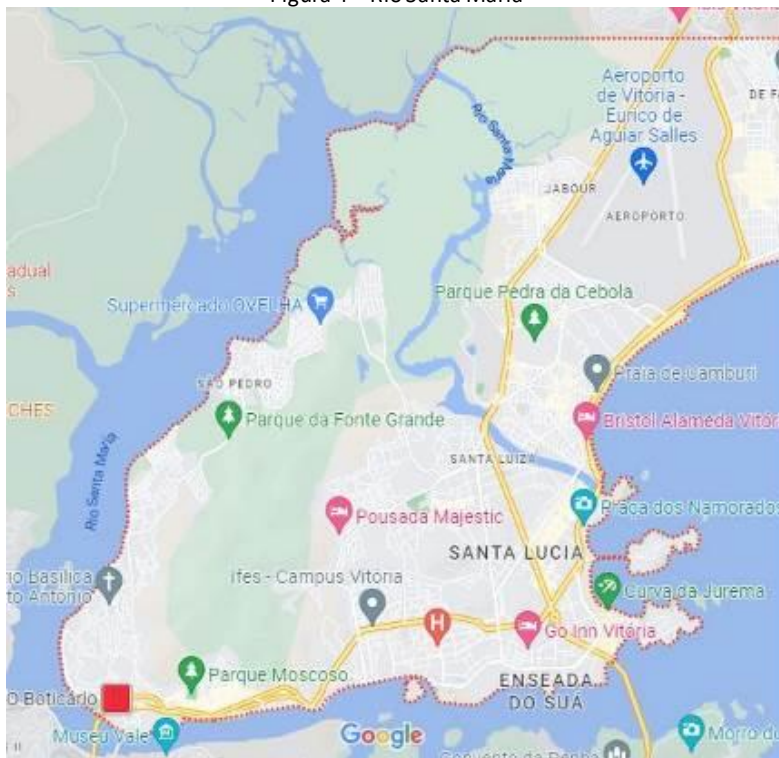
Antônio, na margem oposta da baía, ocorreu em função dos constantes ataques indígenas, franceses e holandeses à cidade. Daemon relata que em 8 de setembro de 1551, após derrota dos indígenas, foi dado o nome de Vila de Nossa Senhora da Vitória ao povoado (DAEMON, 1879). Segundo Novaes esta data se refere não a fundação e sim a consagração da Vila Nova a Nossa Senhora da Vitória (NOVAES, 1968, p. 25).

A Vila da Victoria teve seu desenvolvimento a partir do Centro, cuja localização é visível na figura 3, com direcionamento horizontal em função da limitação entre o mar e o Grande Maciço, este nomeado, no século XX, de Parque Estadual da Fonte Grande.

As descrições de Derenzi e Klug se voltam para a face sul da ilha, no entanto, possíveis ocupações na face norte são consideradas no trabalho de Corrêa e Vasconcellos (2018, p. 54). Os autores apontam para ocupação por populações sambaquieiras que viviam da pesca, da coleta de vegetais, sementes e frutos e, em menor grau, da caça. Normalmente moravam em áreas de manguezais, como na área do manguezal de Vitória, conhecido como Lameirão. É relevante ressaltar a importância da navegação para as comunidades sambaquieiras e a referência do surgimento das canoas com base na exploração de ambientes marinhos costeiros. Logo, na ilha o transporte fluvial era meio de ligação entre as faces sul e norte. De acordo com Neves e Pacheco (1996), a Ilha das Caieiras servia também como ponto de espera nos dias de navegação irregular, quando o mar estava mais agitado na área que se abre para a costa.

O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, quando esteve na Vila da Victoria, em 1816, durante a sua expedição botânica ao litoral do Espírito Santo assim se referiu a vila, no tocante ao grande maciço e ao rio: “A cidade está edificada um tanto desigualmente, sobre colinas aprazíveis, e o rio, que lhe passa atrás, corre entre altas encostas, em parte rochosas e em muitos lugares nuas e cobertas de líquens.” (PHILIPP, 1989, p. 142).

Figura 4 – Rio Santa Maria



Fonte: Google-Earth, 2024.

# Cidades Verdes

ISSN eletrônico 2317-8604, volume 12, número 36, 2024

Ao se interpretar Wied-Neuwied, “o rio que passa atrás” se refere ao Rio Santa Maria, que contorna a parte insular da capital do ES e entre ilhas e mangue a destaca do continente (figura 4). No mapa, à noroeste da ilha, onde lê-se São Pedro, se localiza o recorte espacial desta pesquisa. A região, atualmente, abriga dez bairros que compreendem à Grande São Pedro, entre eles a Ilha das Caieiras.

A existência da Ilha das Caieiras é reconhecida territorialmente como parte do então distrito de Vitória em 1848, por documento que define os limites dos distritos policiais da Província do Espírito Santo em resolução do presidente Lima e Castro. (ALES, 1861). Em 1882, a mensagem da Assembleia Legislativa publicada em jornal informa que já havia um povoado formado por casas de palha na Ilha das Caieiras. (FREIRE e NUNES, 1882).

Ainda no século XIX a região é registrada no Esboço da Planta da Ilha da Victoria por Francisco Saturnino de Brito, que elaborou o Projecto de um Novo Arrabalde, na condição de engenheiro chefe, por encomenda do presidente do estado, Muniz Freire (1892-1896).

Figura 5 - Esboço da Planta da Ilha de Victoria de 1896



Fonte: Arquivo Público do Estado do ES, 1896.

Ao acompanhar a legenda pode-se conferir a ordem em que o autor apresenta os pontos iniciando pelos mangues, brejos e mar e finalizando, antes de anotar o Novo Arrabalde, com os demais acidentes geográficos – morros e região nodal ou de separação das ondas marés.

A região contornada pelo mangue, ainda no século XIX, conforme Neves e Pacheco (1996), abrigou a fábrica que nomeou o bairro: Caieiras, devido à grande presença de cal. Alves (2015, p. 156) enumera, entre 1921 e 1936, os seguintes proprietários de fábricas de cal na Ilha das Caieiras: Ernesto Luz de Souza, Miranda & Sobrinho e Mucio de Alencar, o que documenta a existência de mais de uma empresa e a vocação da região para além da pesca. Mas, é possível

afirmar que a região inicia de fato a ligação com as demais áreas da Ilha de Vitória quando é construída a Estrada Serafim Derenzi. De acordo com Corrêa e Vasconcelos (2018, p. 62):

A estrada de contorno passaria por uma zona rural inabitada, mas apesar da aprovação na Assembleia legislativa do Espírito Santo (ALES), sua construção acabou não sendo levada adiante até o executivo. Só voltou a ser ponto de pauta na agenda da ALES apenas em 1936, culminando o início da construção da estrada no ano de 1940, durante o mandato do prefeito Américo Monjardim.

A rodovia Serafim Derenzi, hoje em dia, é uma das principais vias da cidade, estendendo-se por 10 quilômetros e passando por 15 bairros do oeste da ilha de Vitória, sendo assim a maior via da capital do Espírito Santo, mas até 1970 era uma rodovia para escoamento de produtos agrícolas. O nome da estrada uma homenagem ao construtor italiano Serafim Derenzi que participou das obras em 1939. A construção da estrada melhorou a infraestrutura da capital e marcou um período de transição, quando o café deixa ser o único produto da economia capixaba. Assim, a indústria veio a se expandir no Espírito Santo com o surto industrial promovido por Vargas que viabilizou a implantação da Companhia Vale do Rio Doce (1942) e da Companhia de Ferro e Aço de Vitória (COFAVI). A indústria que começou a desapontar no ES foi a oportunidade para o capital acumulado da produção cafeeira que se beneficiou desta situação.

A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) concentrou 80% dos investimentos e empregos gerados pela indústria na época, provocando um aumento no fluxo. Em 1960 a população da Grande Vitória era de 209.172 habitantes e em 1991 já estava em 1.126.638 de habitantes. (MATTOS, 2011).

Conforme Corrêa e Vasconcelos (2018, p. 67) os migrantes foram absorvidos, temporariamente, na construção das plantas industriais da Companhia Siderúrgica de Tubarão, Companhia Vale do Rio Doce e Aracruz Celulose – atuais Arcelor Mittal, Vale e Fibria, respectivamente. No entanto, as etapas posteriores da implantação das plantas industriais passaram a exigir maior nível de escolaridade que não era compatível com o migrante vindo da área rural, em consequência o desemprego e a miséria que tomaram lugar na Grande Vitória, e ficaram ainda mais evidenciados na Região da Grande São Pedro.

A cidade de Vitória, com 97,123 km<sup>2</sup> (IBGE, 2024), menor município em área da Região Metropolitana, cuja geografia é definida pela presença de morros, ilhas e manguezal, mesmo após inúmeros aterros que havia sofrido até os anos 70, não dispunha de gleba de terra para acomodar tamanho fluxo imigratório, transformando a antiga região de pescadores da Ilha das Caieiras numa grande área favelada desprovida de infraestrutura e serviços e com moradias precárias.

A partir de 1977 teve início os processos de invasão da região do contorno da ilha (lado norte/noroeste), formada por manguezais e morros, local onde a prefeitura despejava todo o lixo da cidade. Nos anos seguintes, a invasão, que teve início no mangue, dando origem à favela de São Pedro, estendeu-se por quase cinco quilômetros, subdividindo-se em São Pedro I, II, III, IV, sendo que a última ocupação, ocorrida em 1980, representava, em extensão, um espaço mais de três vezes maior que a área da primeira, ocorrida na região por volta de 1977. São Pedro, em 1980, congregavam em média, 15.000 (quinze mil) favelados. (SIQUEIRA, 2010).

Por outro ângulo, a presença das moradias sobre a área do manguezal, o impactou negativamente numa mistura de esgoto, lixo e a flora e a fauna do manguezal. Conforme Alves (2004), para criar lotes, foi aterrada uma área de 760 hectares de manguezais, quase metade da



área atual: 1.800 hectares; mas grande parte dessa população pouco sabia a respeito do ecossistema sobre o qual estava morando.

Figura 6 - Região da Grande São Pedro – Bairro Santo André



Fonte: Arquivo Público do Município, 1987.

A solução para o aterro do manguezal foi a utilização do lixo, em 1977, que contribuiu para uma mudança no quadro profissional, com a formação dos catadores que vendiam lenha, plástico, vidro, papel e latas. O lixo representava alimentação, trabalho e moradia (aterro sobre o qual eram construídas as casas). (GURGEL e PESSALI, 2004, p. 37-38).

O quadro degradante em termos de qualidade de vida foi apresentado no filme “O lugar de toda a pobreza” (BONFANTE, 1983) que retratou a rotina de 500 famílias que viviam das 320 toneladas de lixo. A população apontada por Siqueira (2010) é colocada em cheque à medida que a cada dia chegavam mais imigrantes vindos do norte do Estado do Rio de Janeiro, da Zona da mata mineira, do Sul da Bahia e de vários pontos do Espírito Santo.

A Prefeitura Municipal de Vitória (PMV, 2016) afirma que:

No período de 1980 a 1990, merecem destaque as ocupações ao longo da Rodovia Serafim Derenzi, que deram origem aos seguintes bairros/comunidades: Nova Palestina, Resistência, Redenção, Aglomerado São Pedro, Grande Vitória, Estrelinha, Inhanguetá e Nossa Senhora Aparecida. Essas ocupações completam a conurbação na parte insular do município, o que vai conferir à mancha urbana um aspecto de anel em torno do Maciço Central.

A leitura, na atualidade, interpreta a área como bairro/comunidade, no entanto, naquela ocasião eram favelas em áreas alagadas com moradias precárias sobre palafitas. A questão entrou na pauta do planejamento urbano e durante a elaboração do primeiro Plano Diretor do Município, em 1984, propulsionando a Prefeitura Municipal a nortear suas decisões, contando com a participação popular e com foco nas questões ambientais. O projeto de urbanização dos bairros São Pedro I é o exemplo pioneiro desta convergência que contou com

recursos do Banco Nacional da Habitação (BNH) e posteriormente da Caixa Econômica Federal (CEF). O projeto foi uma atuação de sucesso em urbanização de favelas.

As moradias sobre as palafitas chamaram a atenção para as questões ligadas ao saneamento, a má qualidade das habitações e a infraestrutura (principalmente no que se refere água e esgoto). Passos e Esteves Júnior (2014, p. 15-16) destacam que os cursos d'água que desaguavam nessa região foram canalizados e tamponados. Em relação ao Maciço Central, a criação do Parque Estadual da Fonte Grande, por meio da Lei estadual nº 3.875, 1986 (PMV, 2024), impediu a ocupação de grande parte das vertentes, protegendo e possibilitando a recuperação das matas, conservando-se assim as nascentes e cabeceiras ali existentes. Também a criação da Estação Ecológica da Ilha do Lameirão contribuiu para a conservação dos manguezais remanescentes.

Freire (2004, p. 110) afirma que em 1989 as primeiras ações governamentais tiveram início e, com elas, as políticas de ocupação e uso do solo. Botelho (2011, p. 133) destaca que, em 1991, o Papa João Paulo II veio a Vitória em função do documentário "O lugar de toda pobreza", no entanto, o manguezal estava aterrado com lixo do município. Vale ressaltar que os mangues foram desconsiderados ao longo diversos projetos de urbanização, desde pensamento sanitaria, que o considerava foco principal das doenças e uma área insalubre. Zorzal, Gimenes e Pires (2014) ao tratarem do aterro realizado na Região da Grande São Pedro verificam o risco potencial para construções e sua espacialidade, através de sondagens que demonstram as diferenças mecânicas dos materiais nos quais estão construídas casas e equipamentos urbanos, tais como escolas, postos de saúde e praças.

"Em 1996 é elaborado o Plano Estratégico da Cidade: Vitória do Futuro. O plano tinha como uma das metas o enfrentamento da dívida social, em especial, para com as famílias pobres segregadas espacial e socialmente" (CRUZ, 2010, p.141).

O PDU de 1996, a Agenda 21 e o Plano Vitória do Futuro corroboraram em iniciativas de inclusão social. O plano Vitória do Futuro era uma resposta à Agenda 21 e apresentou uma política pública que possibilitou, apoiando-se nas boas experiências do Projeto São Pedro, a criação do Programa Integrado de Desenvolvimento Social Urbano e de Preservação Ambiental em áreas Ocupadas por População Baixa Renda, também denominado Projeto Terra, por meio do Decreto nº10131 de 14 de janeiro de 1998.

O Projeto Terra previa a participação popular e a integração institucional, atuando e planejando em um campo de ação delimitado por polígonos, estes com frequência correspondem a ZEIS (Zonas especiais de Interesse Social). A abrangência do projeto era de 30 bairros, 13 comunidades e cerca de 85.000 habitantes.

De acordo com Freire (2004, p.112), o Projeto Terra (Programa Integrado de Desenvolvimento Social, Urbano e de Preservação Ambiental), da Prefeitura Municipal de Vitória, existe com essa denominação desde 1997, e se transformou na "menina dos olhos" do governo municipal atual, projeto que vem ganhando diversos prêmios nacionais e internacionais na categoria de política urbana local que dá certo. É composto de 11 poligonais que são áreas-foco de atuação do projeto, localizados principalmente nas porções noroeste e norte de Vitória.

Para Martinuzzo (2002) os movimentos em prol da melhoria da qualidade de vida dos residentes do local (um extenso manguezal ocupado por pessoas que foram se instalando em torno de um grande lixão) formaram 11 bairros, com uma população superior a 50 mil habitantes.

“O resultado da iniciativa municipal em relação à Grande São Pedro recebeu vários prêmios e fez parte da 2ª Conferência das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos, Habitat II, realizada em 1996, em Istambul na Turquia.” (BONDUKI, 1996).

“Dentro o objetivo específico do Projeto pode-se destacar o dos limites da ocupação urbana, preservando e reflorestando as áreas de interesse ambiental, intervindo para a eliminação das áreas de risco e inibindo novas ocupações” (MARTINUZZO, 2002, p. 29).

O programa Terra Mais Igual é uma continuidade dos programas anteriores. De acordo com a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP), o primeiro deles foi o Projeto São Pedro que eliminou as palafitas da região, urbanizou e implantou equipamentos e serviços públicos garantindo um controle mais efetivo das ocupações nas áreas de mangue e dando início à recuperação daquele ecossistema. (ABCP, s/d).

A implementação do Programa Terra Mais Igual deve ser destacada pelas intervenções urbanísticas: ampliação das redes de esgotamento sanitário e os serviços de coleta de lixo. De acordo com PLAN (2012, p. 3) esse incremento foi apenas um pouco maior do que o ocorrido em áreas não beneficiadas pelo Programa. A região também é uma das bacias de esgotamento sanitário de Vitória, composta pelos bairros São Pedro, Nova Palestina, Joana D’Arc e Resistência, sendo neste último a localização da Estação de tratamento de esgoto. (PMV, 2008).

Com o objetivo de diagnóstico complementar à demanda de esgotamento sanitário, Nunes e Ferreira Neto (2012, p. 118) levantaram as atividades dos moradores da Grande São Pedro buscando evidenciar o perfil populacional, entre elas estão: pescaria e de serviços informais para outras profissões, como: auxiliar de serviços gerais, diarista, vendedor/a, policial militar, cozinheira, cabeleireira, comerciante, costureira, atendente, professor/a e profissionais da área da saúde. Mattos (2011, p. 13) afirma que a distribuição espacial da população com base nos rendimentos possui correspondência direta com a categoria sócio ocupacional (trabalhadores domésticos, ambulantes, biscateiros e prestadores de serviços não especializados), pois a região concentra o maior contingente de pessoas sem rendimentos de Vitória, o que sinaliza uma situação de desemprego, e, na quase totalidade, prevalece a categoria de trabalhadores do terciário não especializado, com percentuais acima de 33%.

Mattos (2011, p. 14), afirma que os relatórios da Prefeitura Municipal de Vitória, mostram que alguns limites estabelecidos para a preservação da área natural da região não foram mantidos. As áreas do Parque da Fonte Grande e do Lameirão, decorridos 12 anos, necessitam ser averiguadas de forma a atualizar a referida afirmação.

### **3. RESILIÊNCIA AMBIENTAL**

A preservação do meio ambiente na Região da Grande São Pedro envolve, como apresentado no histórico, questões relacionadas à infraestrutura urbana (lixo, esgoto e drenagem), mas também à preservação do Parque da Fonte Grande e do manguezal, ambas áreas que sofrem tensões nos seus limites devido à ocupação do território.

Esse equilíbrio entre o atendimento às demandas sociais e à habitação esbarra na necessidade de conservação das características ambientais da área. O conceito de pegada ecológica se aplica à questão quando se dimensiona a sustentabilidade de forma mais objetiva, o quanto a população se apropria da produtividade da natureza e o quanto a restringe. No cálculo da pegada entram as áreas de cultivo, de pastagens, o carbono (representa a extensão de áreas florestais capazes de sequestrar emissões de CO<sub>2</sub>), as florestas, as áreas construídas e

os estoques pesqueiros, ou seja, usos e recursos que podem ser medidos em termos de área necessária para manter a produtividade biológica e intrinsecamente relacionados à Região da Grande São Pedro.

Segundo WWF (2024), o cálculo da pegada ecológica é feito somando as áreas necessárias para fornecer os recursos naturais renováveis utilizados, com as que são ocupadas por infraestrutura (pelas cidades, por exemplo) e as áreas necessárias para a absorção de Gases de Efeito Estufa (GEE). Para realizar o cálculo da Pegada Ecológica é utilizada uma unidade de medida, o hectare global (gha), que é a média mundial para terras e águas produtivas necessárias em um ano.

Figura 7 – Rodovia Serafim Derenzi e Orla da Ilha das Caieiras



Fonte: da autora, 2024.

Para as habitações dos bairros da RA, se contempladas por elementos que respeitam a natureza, aprimorarão as características básicas da construção (iluminação, ventilação e ambiente natural) através de soluções mais econômicas, sustentáveis e integradas com o entorno. A minimização dos impactos ambientais além de reduzir o consumo energético, leva a utilização dos recursos disponíveis na natureza (sol, vegetação, chuva e vento).

O patrimônio paisagístico natural da Grande São Pedro é formado pela área do manguezal e o Parque da Fonte Grande, ambos protegidos. Assim, sob a vista dos moradores e a gestão do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA), do Governo do Estado do Espírito Santo (GEES) e da PMV, há a preservação ambiental, inclusive por ações de educação advindas da administração do parque e das escolas do local.

Figura 8 – Acesso ao Parque Estadual da Fonte Grande



Fonte: da autora, 2024.

A criação do Parque teve como objetivo impedir a ocupação, proteger a floresta e estabilizar as encostas do Maciço Central de Vitória, a fim de se evitar a ocorrência de tragédias.

A criação do Parque Estadual da Fonte Grande foi efetivada por meio da Lei estadual nº 3.875, 1986. Sua área pertence ao Governo do Estado do Espírito Santo, mas é administrada pela Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), por meio de um convênio firmado em 1992. (PMV, 2024).

Entre os bairros de Resistência e São José encontra-se o Parque Natural Municipal de Mulembá, uma trilha para caminhada que incrementa as áreas verdes da região. Na referida trilha (Rua São Lázaro) estão construídas dezenas de moradias de ambos os lados, no entanto, ao final da rua, uma rotatória, parque e mirante demonstram a presença da PMV no local.

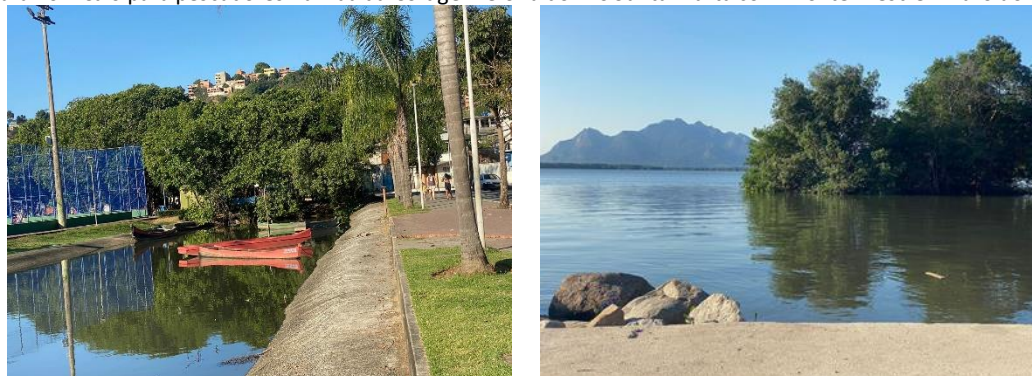
Figura 9— Paisagismo no acesso ao Parque Estadual da Fonte Grande e Parque Natural Municipal de Mulembá



Fonte: da autora, 2024.

A área do mangue e a orla são utilizadas pelos moradores de São Pedro como área de lazer (figura 7 e 10) e também para a atividade da pesca. A comunidade de pescadores da Ilha das Caieiras representa uma tradição antiga e profundamente enraizada. A prática da pesca artesanal também é transmitida de geração em geração, refletindo profundo conhecimento e domínio do manguezal e da natureza local. Essas características definem a identidade da comunidade que há tempos habita essa região. Além de fornecer alimento para suas famílias, os pescadores também desempenham um papel importante na economia local porque comercializam peixe fresco com o mercado e promovem a identidade cultural da região. Esses profissionais materializam, na sua atividade, sua relação com o mar e a natureza envolvente, caracterizando por um profundo respeito e uma ligação natural com o ambiente marinho.

Figura 10 – Cais para pescadores na Rua da Coragem e orla do Rio Santa Marta com Monte Mestre Álvaro ao fundo



Fonte: da autora, 2024.

Apesar das transformações na orla e no manguezal realizadas pela prefeitura, como o Cais na Rua da Coragem, se percebe a característica de adaptação dos pescadores às novas formas de acesso ao mangue e ao mar, demonstrando adaptação às mudanças do desenho urbano. No entanto, além de adaptação, em toda a região é nítida a resiliência. A resiliência -

habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida – passa então a ser observada nos (as) moradores (as) que se moldam a uma nova dinâmica dos bairros, mas também na natureza. No contexto da ecologia, a resiliência é a aptidão de um determinado sistema que lhe permite recuperar o equilíbrio depois de ter sofrido uma perturbação remetendo à capacidade de restauração do mesmo. Por este ponto de vista, vê-se na antiga região degradada da Grande São Pedro sinais de superação e ressurgimento.

#### 4. CONCLUSÃO

Algumas conclusões cabem ser traçadas após a análise da Região da Grande São Pedro Vitória – ES pelo viés da resiliência ambiental. De modo preliminar, enfatiza-se a importância do estudo da história do local para compreender a situação presente porque, apenas olhando a linha do tempo da região é possível verificar os ganhos ambientais após os programas públicos de revitalização da área. A participação dos órgãos municipais e estaduais têm proporcionado a ocupação ordenada, seja das áreas de habitação social, de equipamentos e das reservas ambientais, embora os limites sejam colocados em questão.

A existência de escolas de ensino primário, bem como da Escola Viva São Pedro garante o oferecimento de ações educacionais na área ambiental com referências à sustentabilidade relacionadas às histórias do mangue e do parque. A presença da população local e o engajamento das lideranças são primordiais para a dinâmica. Nessa estratégia, a criação do Parque Natural Municipal de Mulembá, além do Mirante da Comdusa e do Parque da Fonte Grande reverberam o esforço conjunto das instâncias municipal e estadual em preservar as áreas verdes da região.

Da mesma forma a reforma para a criação da orla urbanizada, voltada para atividades de esporte e lazer enfatiza o empenho da Secretaria de Desenvolvimento da Cidade em valorizar a população local, no entanto, põe em questão as práticas pesqueiras e das desfiadeiras de siri, à medida que distancia os cais de atracação.

De forma conclusiva, a mudança de cenário em funções das ações apresentadas materializa a resiliência da população e do meio ambiente na Região da Grande São Pedro.

#### 5. REFERÊNCIAS

ABCD - Associação Brasileira de Cimento Portland. Terra mais igual: um programa participativo de desenvolvimento humano e urbano. **Iniciativas inspiradoras**. 09 | terra mais igual, s/d.

ALES. Assembleia Legislativa do Espírito Santo. **Ofício**. Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 1861.

ALVES, Vanderson Moreira Silva. **A produção do espaço urbano de Vitória – ES pela construção imobiliária entre o final do século XIX e meados do século XX**. M.Sc. Mestrado em Geografia / UFES, Vitória, ES, Brasil, 2015.

BONDUKI, N. Habitat. **As práticas bem-sucedidas em habitação, meio ambiente e gestão urbana nas cidades brasileiras**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.

BONFANTE, Nelson. **O lugar de toda pobreza**. Canal 93 TV Record. TV Gazeta – ES, 1983. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=InPEhXXZpII>> Acesso em 26 jul 2023.

BOTELHO, André Luiz Magalhães. **Urbanização na Grande São Pedro, Vitória/ES e a conservação do manguezal: palco de contradições**. D. Sc. PosGeo / UFF, Niterói, RJ, Brasil, 2011.

CORRÊA, Felipe Ramaldes e VASCONCELLOS, Flávia Nico. **Pescadores artesanais e comunidade tradicional da Ilha das Caieiras/Vitória em perspectiva histórica** in BLANC, Manuela Vieira e VASCONCELOS, Flávia Nico (org.)

Reflexões Sobre o Urbano no Espírito Santo: do público ao político e algumas representações sociais. Coleção Debate Social, volume 5. Vitória: Editora Milfontes, 2018.

CRUZ, Patrícia Stelzer. **Território da Mobilidade Urbana na Metrópole Portuária da Grande Vitória**. M.Sc., PPGAU/UFES, Vitória, ES, Brasil, 2010.

DAEMON, Basílio de Carvalho. **Província do Espírito Santo: sua Descoberta, História Cronológica, Sinopse e Estatística**. Vitória: Tipografia do Espírito-santense, 1879.

DERENZI, Luiz Serafim. **Biografia de uma Ilha**. Rio de Janeiro: Pangetii, 1995.

FREIRE, Muniz e NUNES, Cleto. Sessão oficial Assembleia Legislativa do Espírito Santo. 40ª Sessão ordinária em 18 de maio de 1882. **A província do Espírito-Santo**, Vitória, p. 2-4, 1882.

FREIRE, Ana Lucy Oliveira. Projetos de urbanização em Vitória-ES: aspectos do processo de produção de uma metrópole moderna. **GEOUSP Espaço e Tempo**. São Paulo, N° 15, pp. 105 117, 2004.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GURGEL, Antônio de Pádua; PESSALI, Hesio (Org.). **São Pedro, Vitória: um exemplo para o mundo**. Vitória: Contexto Jornalismo & Assessoria/Instituto Huah/Núcleo de Projetos Culturais e Ecológicos, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Área dos municípios**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?t=acesso-ao-produto&c=3205309>> Acesso em 19 mar 2024.

KLUG, Letícia Beccalli. **Vitória: Sítio Físico e Paisagem**. Vitória: EDUFES, 2009.

MARTINUZZO, J. A. **Projeto Terra: Vitória para todos**. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2002.

MATTOS, Rossana. **Expansão urbana, segregação e violência: um estudo sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória**. Vitória: EdUFES, 2011.

NEVES, Luís Guilherme Santos e PACHECO, Renato da Costa. **Desafiadoras de Siri da Ilha das Caieiras**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1968.

NUNES, Kezia Rodrigues e FERREIRA NETO, Amarílio. Além da lama e do lixo: movimentos de escolarização em São Pedro, Vitória/ES (1977-2007). **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.28, n.01, p.109-130, mar. 2012.

PASSOS, Rafael de Melo e ESTEVES JÚNIOR, Milton. XIII SHCU - Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: **A construção da cidade e as águas do território: do convívio à supressão na Grande Vitória – ES**. 2014, Brasília, Anais.

PEIRÓ, Douglas F., SEMPREBOM, Thais R., SILVEIRA, Raphaela A. Duarte e HAUEISEN, Mariana P. **Manguezais: estrutura, dinâmica e biodiversidade**. 2020. Disponível em: <<https://www.bioicos.org.br/post/manguezais-estrutura-dinamica-e-biodiversidade>>. Acesso em: 17 mar 2024.

PHILIPP, Maximilian Alexander. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1989.

PLAN – Políticas Públicas. **Avaliação externa do programa terra mais igual. Consolidação dos resultados (2005-2012)**. São Paulo, 2012.

PMV – Prefeitura Municipal de Vitória. **Evolução Urbana**. 2016. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/cidade/evolucao-urbana>> Acesso em 17 mar 2024.

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **Parques**. Disponível em: <<https://m.vitoria.es.gov.br/cidade/parques>> Acesso em 17 mar 2024.

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **PDDU - Plano Diretor de Drenagem Urbana do Município de Vitória**. Vitória, Brasil, 2008.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória 1950 – 1980**. Vitória: Grafitusa, 2010.

WWF - World Wildlife Fund – Pegada brasileira, 2024. Disponível em:

[https://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/especiais/pegada\\_ecologica/pegada\\_brasileira/](https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/pegada_ecologica/pegada_brasileira/). Acesso em 19 mar 2024.

ZORZAL, S., GIMENES, A. C. W. e PIRES, P. Meio Ambiente e Geomática Abordagens comparadas França – Brasil: **Método de análise de risco em aterro sobre mangue e lixão: um estudo na Grande São Pedro, Vitória/ES, Brasil**, 2014, Rennes, Anais.